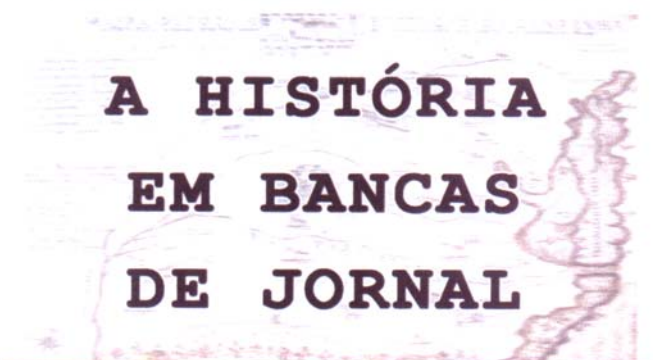




ECLÉTICA 2005

Publicação eventual do Departamento de História/FFLCH/USP



A HISTÓRIA EM BANCAS DE JORNAL

Responsável: Profa Dra. Raquel Glezer
Monitora PAE - Estágio de Preparação Pedagógica: Silene Ferreira Claro
Trabalho de curso da disciplina Teoria da História I
0401 - Noturno - 1º. Sem. 2005.

A HISTÓRIA EM BANCAS DE JORNAL

Raquel Glezer¹

Introdução

As experiências dos professores das disciplinas teórico-metodológicas em curso de História, bacharelato ou licenciatura, podem ser generalizadas, pois usualmente enfrentam incompreensões por parte do alunado e de colegas. Não importam as denominações: Introdução aos Estudos Históricos ou Metodologia da História; Filosofia da História; Teoria da História; História da Historiografia... Afinal, para que elas servem? O que fazem em um currículo sobrecarregado?

As outras disciplinas obrigatórias de um curso de História possuem conteúdo definido por espaços geográficos (América, Brasil, África, Ásia), ou recorte cronológico (História Antiga, História Medieval, História Moderna, História Contemporânea). O recorte cronológico ainda se impõe ao recorte geográfico, apesar dos questionamentos apresentados nos últimos trinta anos, a partir da obra de Chesneaux² sobre o uso ideológico da periodização. As disciplinas optativas se organizam por temas, processos explicativos, fontes ou campos historiográficos.

Diversamente, as disciplinas teórico-metodológicas deslocam-se em espaços e tempos variados, pois podem se articular por conceitos, teorias explicativas, formulações teóricas de processos históricos, análises historiográficas de autores, temas relevantes, questões significativas ou momentos marcantes.... quase sempre fugindo ao recorte espacial e/ou ao cronológico.

Para os alunos, as disciplinas teórico-metodológicas se apresentam como um conjunto complexo. Têm dificuldade de reconhecer nelas o que conhecem como História, isto é, o campo de conhecimento que aprenderam a reconhecer como tal nos livros didáticos, manuais acadêmicos e livros dos historiadores. As discussões sobre o que são documentos, fatos históricos, fontes, memórias, monumentos, os questionamentos sobre os conceitos nos livros escritos pelos historiadores, ou os debates sobre os usos de cultura material, cultura imaterial, história oral, memória social, micro-história e macro-história, genealogia, memória local se apresentam como complicações do que aparenta ser simples e conhecido.

Qual a finalidade de uma disciplina como Teoria da História no processo de formação de um profissional da história? As reflexões que são propostas aos alunos têm qual finalidade? As respostas podem ser tão múltiplas como o campo: conhecer a História da História; perceber como o campo dos estudos históricos foi formado e quais as transformações que sofreu; aprender a reconhecer os conceitos e as teorias que embasam os trabalhos dos historiadores, identificar os pressupostos da seleção de temas, fatos e dos arranjos dos conteúdos. De forma sintética, reconhecer que o conteúdo da história que encontram nos livros é um produto cultural datado (linguagem, conceitos, preconceitos), da mesma maneira que os textos que produzem em seus trabalhos.

Para nós, professores nestas disciplinas, as questões teóricas devem fundamentar os trabalhos dos historiadores, quer os de pesquisa em campo, não importando o tipo de fonte explorada - arquivística, bibliográfica ou de história oral, quer os de análise historiográfica sobre as obras de historiadores, nas variadas formas que podem assumir.

¹ Profa. Titular Teoria da História e Metodologia da História/Departamento de História/FFLCH/USP; e-mail: raglezer@usp.br.

² Cf. Jean Chesneaux. *Du passé faisons table rase? : a propos de l'histoire et des historiens*. Paris: F. Maspero, 1976; trad. brasileira *Devemos fazer tabula rasa do passado? Sobre a história e os historiadores*. São Paulo: Ática, 1995.

Tais questões estavam em nosso horizonte de preocupação quando propusemos aos alunos matriculados na disciplina Teoria da História I – 0401 - Noturno, no primeiro semestre de 2005, cujo programa havia sido formulado com o objetivo de possibilitar uma visão panorâmica de algumas formas de reflexão sobre a história até o início do século XX, com aulas teóricas e leituras de textos de alguns autores clássicos, algo a mais: um trabalho empírico, levando em consideração as restrições e limitações aos alunos dos cursos noturnos: biblioteca em horário restrito; arquivos, centros de documentação e museus fechados, nos horários que os alunos poderiam dispor para alguma atividade extra classe.

Que material poderia ser utilizado, que estivesse acessível e cujas informações complementares pudessem ser localizadas por quem cumpre oito horas de trabalho diárias em cinco dias por semana? A nossa proposta foi a de explorar um material recente, visível e de fácil aquisição, que existe e se oferece nas bancas de jornal – as revistas de divulgação de história, em suas múltiplas apresentações e em seus variados níveis de formulação.

Temos a certeza que nem todas as publicações existentes foram exploradas, pois tal não era a intenção da proposta, que tinha como objetivo proporcionar aos alunos quase todas as etapas de um projeto de pesquisa, a partir da seleção de fonte e temas de interesse dos autores dos trabalhos, que foi respeitada, quer pela possibilidade de acesso³. Apesar da vasta rede de bancas de jornal existentes na área metropolitana, nem todas contém exatamente o mesmo conjunto de publicações, dependendo do local em que estão e da clientela a que atendem.

Em complementação

Depois dos trabalhos de pesquisa e redação realizados e entregues, na fase de preparação e edição digital para inserção no sítio (www.raquelglezer.pro.br), encontramos na rede algumas referências sobre o mesmo assunto, como a indicação do trabalho de Iniciação Científica na Faculdade Cásper Libero de Marcela Rosa Mastrocola, denominado “Aventuras na História: intermediários culturais, mercado editorial e cultura de consumo”⁴, em nota, sem data, acesso ao texto ou resumo. E o texto de Thathiana Murillo, datado de 05.12.2004, com o título de “*Páginas do passado: o boom das revistas de História*”, no qual a autora traça um histórico das revistas de história de divulgação em vários países e o início de tais periódicos do Brasil, a partir de 2003⁵.

Não consideramos a nossa pesquisa exaustiva e é possível que existam outros estudos sobre o mesmo tipo de material.

³ Os trabalhos, de modo previsível, concentraram-se nas revistas com maior facilidade de acesso: *Nossa História*, *História Viva*, *Aventuras da História*. Outras publicações foram também localizadas e selecionadas pelo interesse dos alunos. Ao menos uma publicação não foi explorada - a *Brasilis*, da editora Atlântica, do Rio de Janeiro, coordenada por Luis Felipe Baeta Neves. Ela era inicialmente vendida por assinatura, e só conhecemos os dois números iniciais. O sumário deles pode ser encontrado no sítio: <http://atlanticaeditora.com.br/>.

⁴ No sítio www.facasper.com.br/cip/iniciativa: “tema: Estudo sobre o fenômeno das revistas de história no contexto da hipermodernidade, com base na análise da publicação *Aventuras na História* ...”; e-mail: marcelamastrocola@gmail.com.

⁵ Thathiana Murillo. *Páginas do Passado: o boom das revistas de História*, datado de 12.05.2004, no sítio O cisco, <http://www.ocisco.net/thati10.htm>; e-mail thathanamurillo@uol.com.br.

1. Enfrentar os preconceitos

A seleção do material para ser pesquisado decorreu de sua facilidade de acesso, por um lado. Em nossos dias, a história está nas bancas de jornal, em formas variadas. Está nos jornais diários - que são uma das fontes para a história do tempo presente e para a história contemporânea; nas revistas semanais e/ou mensais de viés informativo ou analítico de variadas tendências políticas; nas coleções de obras clássicas para divulgação – como a coleção ‘Os Pensadores’ ou a coleção ‘Pensadores Brasileiros’. Seleccionamos uma materialidade específica - as revistas de temas históricos, voltadas para o público consumidor não-especializado.

A multiplicidade de periódicos e publicações de assuntos variados nas bancas de jornal é indicativo de alguns processos característicos da sociedade contemporânea pós-industrial: a ampliação do público leitor, decorrente dos processos de urbanização e alfabetização; a ampliação do acesso ao conhecimento; o atendimento pelas empresas editoras de todas as áreas de interesse do público leitor, em suas múltiplas identidades sociais⁶. Este foi o outro elemento fundamental para a escolha do objeto – a possibilidade de captar um fenômeno social ‘quente’, em sua concretização, na vivência do processo, que precisa ser analisado e compreendido. Em nossos dias, a diversificação da mídia impressa, em miríades de pequenas empresas gráficas – algumas das quais de vida curta, ao lado dos conglomerados de empresas gráficas e das de mídias, soma-se ao complexo jogo dos cruzamentos de todas as mídias – imprensa, cinema, televisão, eletrônicas, digitais...

Lembremos também que em nossos dias há associações entre empresas, para atingir determinados segmentos do público, com a criação de marcas novas, ocultando a empresa principal e dificultando o acompanhamento das questões mercadológicas.

Alunos de graduação estão acostumados com a leitura de textos selecionados por professores – capítulos de livros e/ou artigos publicados em periódicos acadêmicos, cujos padrões correspondem aos parâmetros da comunidade científica. Não há a preocupação com o perfil da publicação, pois a responsabilidade de seleção é do professor. A valoração realizada é pela especialidade do autor, respeitabilidade da revista, reconhecimento da instituição que a publica - todos elementos de identificação de comunidade científica e de reconhecimento entre pares.

As próprias revistas acadêmicas se transformaram, no decorrer do século XX, de recurso informativo e quase que exclusivamente erudito, em fontes reconhecidas para os trabalhos historiográficos, e hoje são objetos de pesquisa para análises de conteúdo, que variam conforme as orientações dos campos historiográficos.

Por outro lado, raramente o material de vanguarda do conhecimento, o da ‘literatura cinza’⁷ é utilizado, mantendo-se como exclusividade do circuito especializado e restrito dos pesquisadores.

No país, há crescente desenvolvimento do campo de pesquisa sobre a história do livro e da leitura⁸. As revistas de literatura, de educação e as semanais gerais têm recebido

⁶ Sobre as identidades sociais contemporâneas, ver Serge Moscovici. *Representações sociais*. Investigações em psicologia social. 3ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

⁷ Literatura não convencional, conhecida por ‘literatura cinza’ (teses, folhetos, anais, proceedings, relatórios de pesquisas, notas técnicas, indicadores de ciência e tecnologia, preprints, publicações seriadas e trabalhos não publicados). Cf. <http://www.ige.unicamp.br/site>.

⁸ Ver: a) sitio: www.livroehistoriaeditorial.pro.br/, do I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial, realizado entre 8 e 11 de novembro de 2004, na Casa de Rui Barbosa, na cidade do Rio de

atenção sistemática desde a década de setenta do século XX, vasto material que pode ser encontrado nas bibliotecas. Contudo, são escassos os estudos analíticos sobre as revistas de história no país, com exceção dos estudos sobre o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que utilizam o seu periódico, o mais antigo do país, datado de 1838, mais como fonte sobre a instituição do que como objeto de análise⁹.

A proposta de analisar as publicações encontradas em bancas de jornal foi, por alguns alunos, questionada pelo fato de não ser este um material ‘respeitável’. A desqualificação é devida ao fato de revistas comerciais não terem a mesma estrutura formal dos periódicos acadêmicos, principalmente a revisão por pares. E que os artigos não poderiam ter conteúdo acadêmico e ser resultado de trabalho de pesquisa de historiadores. A maior crítica foi que as revistas comerciais tinham como alvo um público genérico e não-especializado. Afinal, trabalhar com ‘material de divulgação ou vulgarização’ não era um trabalho adequado aos historiadores em formação¹⁰.

No decorrer da pesquisa, mesmo os alunos mais renitentes acabaram mudando de opinião, pois conseguiram verificar que entre as revistas para o grande público existem níveis diferenciados de informação, apresentação de resultados de pesquisa, debates sobre questões de momento e um trabalho de apresentação ao público de textos escritos por historiadores. O conteúdo apresentado depende do público visado pela revista.

2. A popularização da cultura

O fenômeno do público consumidor de produto cultural oferecido em bancas de jornal no Brasil data dos anos sessenta do século XX, quando a Editora Abril¹¹ lançou edições de obras em fascículos, mas continuou mantendo-se basicamente como uma editora de histórias em quadrinhos infantis e juvenis, e, de publicações românticas destinadas a adolescentes e mulheres jovens, vendidas em bancas. Na área específica da História, a primeira foi a coleção ‘Grandes Personagens da Nossa História’ - biografias de personagens da História do Brasil, em fascículos, com textos escritos por professores de história. E depois, nos anos da ditadura militar, lançou a coleção ‘Os pensadores’-volumes encadernados de obras de autores clássicos da cultura ocidental, que muitas

Janeiro; b) sitio da Intercom: www.intercom.org.br/, especificamente para os textos resultantes de pesquisa apresentados nos eventos da área: <http://reposcom.portcom.intercom.org.br>.

⁹ Ver, entre outros: Isa Adonias. *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - 150 anos*. Rio de Janeiro: Studio HMF, 1990; Virgílio Correia Filho. Como se fundou o Instituto Histórico. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, 255, 1962; Max Fleiüss. *O Instituto Histórico através de sua Revista*. Rio de Janeiro: IHGB, 1938; Lúcia Maria Paschoal Guimarães. "Debaixo da imediata proteção de Sua Majestade Imperial": o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 156, 388, 1995; Manoel Luís Salgado Guimarães. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, CPDOC/Vértice, no. 1, 1988, pp. 5-27;-----De Paris ao Rio de Janeiro: a institucionalização da escrita da História. *Acervo - Revista do Arquivo Nacional*, Rio de Janeiro, volume 4, no. 1, 1989, pp. 135-144; Lília Moritz Schwarcz. "Os guardiões da nossa história oficial". Os institutos históricos e geográficos brasileiros. São Paulo: IDESP, 1989; ----- . *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993; Arno Wehling. As origens do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 338, 1983, pp. 7-16;----- .Historicisimo e concepção de História nas origens do IHGB. In: ----- (org.) *Origens do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro: idéias filosóficas, sociais e estruturas de poder no Segundo Reinado*. Rio de Janeiro: IHGB, 1989, pp. 43-58.

¹⁰ Apesar dos questionamentos, uma grande parte dos alunos possuía alguns exemplares das revistas de divulgação nacionais e recorreram ao seu próprio material; outros, de forma surpreendente, possuíam exemplares de revistas editadas em outros países, o que aparece em seus trabalhos.

¹¹ No sítio da Editora Abril está a história da empresa, ver <http://www.abril.com.br/br/conhecendo/>.

vezes estavam recebendo a primeira edição no país, com tradução por professores especialistas no autor ou no assunto, quebrando o preconceito existente contra a compra de livros em bancas de jornal. A série de sucessos editoriais foi interrompida com uma coleção de história do Brasil, a ‘Saga’, que não foi completada. Embora a Editora Abril se apresente como a pioneira na edição de obras de divulgação para o grande público consumidor, apenas atualizou uma forma de divulgação que já existia, a da edição de obras clássicas ou informativas em tiragens maiores que as usuais. Antes dela, existiram outras iniciativas de divulgação e popularização da cultura no país, que ainda não foram devidamente estudadas.

A coleção ‘Tesouro da Juventude’¹², marco na vida de milhares de jovens leitores, foi difundida por vendedores em muitas das cidades do país, independente de seu tamanho e da existência de livrarias. O mesmo ocorreu com as coleções de obras de história como Cesare Cantú¹³, H. G. Wells¹⁴ e Will Durant¹⁵.

A Editora Ediouro¹⁶ tinha e ainda tem forte atuação na área da divulgação de autores clássicos, mas seus livros, em pequeno formato e em papel jornal, só podiam ser encontrados em livrarias. Além das citadas, existiram outras coleções de obras literárias destinadas a um público consumidor maior que o tradicional consumidor em livraria: a coleção ‘capa amarela’ de grande formato da Editora Globo de Porto Alegre – hoje Globo Livros¹⁷, com traduções de obras clássicas e contemporâneas, por intelectuais de renome, e, a coleção Saraiva, da editora do mesmo nome¹⁸, com volumes de pequeno formato, em papel jornal, que era vendida porta a porta para as famílias interessadas. A Editora Agir¹⁹ também teve uma coleção de clássicos em pequeno formato e em antologia, ‘Nossos Clássicos’.

A estrutura de venda porta a porta que foi desenvolvida na primeira metade do século XX continua ainda em nossos dias, com enciclopédias escolares e coleções de obras informativas em geral.

¹² Esta obra teve diversas edições, pela W. M. Jackson Editores, dos anos vinte até os anos cinquenta.

¹³ Cesare Cantú. *História universal*. Obra de tanto sucesso que recebeu várias edições, entre outras: a) Rio de Janeiro: Fluminense, 1883; b) Rio de Janeiro: Livraria João do Rio, 1931; c) São Paulo: Américas, 1946. 32 v.; d) São Paulo: Edameris, 1970, ed. resumida.

¹⁴ H. G. Wells. *História universal: da ascensão e queda do império romano até o renascimento da civilização ocidental*. São Paulo: Nacional, 1939. 3 v.

¹⁵ Will Durant. *História da civilização*. São Paulo: Ed. Nacional, 1943. 18 v. A obra teve edições em 1956 e 1967, e em outras editoras. O autor continua sendo editado no país, podendo suas obras ainda serem encontradas em livrarias. Dados sobre sua vasta produção podem ser encontrados no sítio da **Will Durant Foundation**, <http://www.willdurant.com/home.html>

¹⁶ Ver em *Wikipédia, a enciclopédia livre*, sítio: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ediouro>.

¹⁷ Cf. <http://globolivros.globo.com/>; a Rio Gráfica Editora adquiriu em 1986 a Editora Globo. A história sintética da Editora Globo pode ser lida na *Wikipédia, a enciclopédia livre*. Sítio: http://pt.wikipedia.org/wiki/Editora_Globo. Sobre a editora há a indicação do livro de Elisabeth Wenhausen Rochadel Torresini, *Editora Globo: uma aventura editorial nos anos 30 e 40*. São Paulo: EDUSP, s.d., na Coleção Memória Editorial.

¹⁸ Ver sítio: <http://sf.editorasaraiva.com.br/port/perfil/historico>; cf. dados da empresa, em 1946 foi lançada a Coleção Saraiva, dirigida por Mário da Silva Brito e Cassiano Nunes, que incluía autores nacionais e internacionais como Machado de Assis, José de Alencar, Menotti del Picchia, Orígenes Lessa, Henry James, Edgar Allan Poe, Herman Melville, ilustrada por artistas de renome, como Aldemir Martins, Darcy Penteadado, Nico Rosso, com traduções de Otávio Mendes Cajado, Décio Pignatari, Nair Lacerda e José Geraldo Vieira. A forma de comercialização era por assinatura, feita por vendedores, com entrega do exemplar publicado mensalmente; vendeu milhares de volumes, pois editou 287 títulos, alguns dos quais com tiragem de até 50.000 exemplares.

¹⁹ Ver histórico da empresa no sítio: <http://www.editoraagir.com.br/historico>; cf. dados, foi adquirida pela Ediouro, em 2002.

Da metade para o final do século XX, as bancas de jornal se tornaram o lugar de exposição da mais ampla variedade de publicações, de todos os assuntos possíveis e imagináveis, para todos os tipos de leitores.

3. O contexto

Há uma explicação corrente para o alto preço dos livros editados no Brasil: a falta de público leitor, pois existem poucas livrarias pelo país e, portanto, poucos leitores. Contudo, as vendas de ‘best-sellers’ desmentem tais afirmações: milhares de livros são vendidos em curto espaço de tempo. Se existissem tão poucos leitores no país, como afirmam as editoras de livros para venda em livrarias, as editoras que lançam seus produtos culturais em bancas de jornal não teriam crescido e multiplicado.

O crescimento das editoras especializadas em publicações para bancas de jornal deve ser relacionado com outros dados: aumento da população, predominância da urbanização, crescimento da escolaridade, aumento da renda familiar, capilaridade dos meios de divulgação de massa pelo país e interligação entre as diversas ‘mídias’.

Dos fenômenos citados, o aumento populacional se destaca: em 1950, a população do país era de 51.949.397, e, em 2000, de 169.799.170 de habitantes²⁰. No mesmo período, a população urbana passou de crescente a dominante, decorrência de fatos distanciados no tempo, mas que explicam alguns aspectos do fenômeno: em 1938, todas as sedes de município passaram a ter o título de cidade, não importando a população; nos anos cinquenta a industrialização por substituição de importações e de bens de capital deslocou uma grande parcela da população de áreas rurais para algumas áreas urbanas; e, em 1988, a Constituição passou a permitir maior facilidade para a divisão de municípios e ampliou os repasses do governo federal para os entes municipais, o que possibilitou a expansão numérica deles. Em cada município, mesmo que não exista biblioteca pública ou livraria, obrigatoriamente deve existir escola fundamental básica, e, pode existir uma banca de jornal, mesmo que seja a única na estação rodoviária.

O processo de modernização econômica do país a partir de meados do século XX possibilitou a melhoria da infra-estrutura em transportes e comunicação; a ampliação do processo de escolarização com o objetivo da universalização do ensino fundamental e posteriormente do ensino médio; o emprego em setores que previamente não existiam; o crescimento da massa salarial; o crescimento do mercado educacional para atender a demanda de mão-de-obra mais especializada; o desenvolvimento de redes de comunicação via mídia eletrônica pelo país, que criaram um mercado nacional para determinados produtos, inclusive para os da indústria cultural.

A existência de milhares de aparelhos de televisão pelo país substituiu em grande parte a imprensa escrita como fonte de informação, por um lado, e, por outro, criou um outro mercado produtor e consumidor com a possibilidade de inter cruzamento de mídias. Os produtos culturais da televisão promovem a venda de publicações escritas – sobre ela mesma, os programas, os participantes de suas produções (autores, diretores, atores e outros especialistas). Também algumas produções televisivas, como telenovelas e minisséries promovem publicações escritas – os livros originais, as adaptações, e depois os vídeos, os cds e os DVDs. O lançamento de filmes, nacionais ou estrangeiros, com chamadas em televisão, e com eventual apresentação posterior em horários especiais, também alavanca publicações destinadas ao grande público, informando sobre a obra, roteiro, diretor, atores e outros especialistas. Os temas épicos ou históricos, quando explorados pelas mídias cinematográficas e televisivas, envolvem altos custos de

²⁰ Conforme dados do IBGE, no sítio: www.ibge.gov.br/, em Síntese dos censos demográficos.

produção, que são parcialmente recuperados ou ampliados pelos produtos em paralelo: publicações impressas, vídeos, cds e dvds, além de outros produtos destinados ao público infantil e/ou juvenil, da mesma forma que os filmes de entretenimento.

Se há momentos em que a sociedade ocidental parece esquecer da existência da história, apesar de estar imersa nela, em outros há preocupação com ela. Geralmente, em datas comemorativas de fatos históricos relevantes há a ressurgência do interesse pela história, quer como processo, quer como narrativa. Em determinados momentos, a sociedade como um todo se sente atraída por fatos históricos – em livros com temas históricos, biográficos ou pseudo-históricos; em filmes biográficos, épicos, históricos ou míticos; em docu-dramas históricos ou documentários sobre fatos históricos, reconstituídos com material de época. Não é possível identificar claramente se tal interesse é uma válvula de escape – fuga/refúgio para um tempo mítico de paz e segurança, ou, genuíno, para compreender a sociedade e o momento em que vive. Em nossos dias, no início do século XXI, há retomada da curiosidade por fatos históricos, que aparece tanto nas produções impressas, como nas cinematográficas e nas televisivas. Os motivos que provocam tal interesse podem ser variados: insegurança diante das transformações em curso; dificuldades de compreender a fase histórica em que vive; medo diante do desconhecido; necessidade de reafirmar o conhecido diante de outras propostas de organização social e tantas outras questões possíveis de serem arroladas.

Quanto as motivações que levaram ao lançamento das revistas de divulgação de história no país, Thatiana Murillo utiliza a referência das comemorações dos quinhentos anos do descobrimento como o motivo para o lançamento de tais publicações²¹. A nosso ver, tal explicação não se aplica totalmente – teria pleno sentido se estas tivessem começado a ocorrer no mesmo ano ou no seqüente, o que não ocorreu, pois datam de 2003 em diante. As explicações podem ser procuradas tanto no contexto nacional – a consolidação do processo de urbanização, universalização da educação básica e suas conseqüentes transformações, como no maior acesso a informações internacionais, na divulgação em tempo real pela televisão dos fatos de setembro de 2001, na retomada do ciclo de guerras simultâneas, na sensação de ameaça diante do desconhecido que pode estar se aproximando – elementos que podem ter contribuído para que se concretizasse no país algo de novo, as revistas de divulgação de história. Devemos lembrar que tal tipo de publicação existe em outros países há muitos anos, desde o começo do século XX, mantendo continuidade e possibilitando a divulgação do conhecimento historiográfico a um grande número de pessoas, o que pode ter permitido o crescimento do mercado editorial dos livros especializados em história e das grandes coleções do final do século XX²².

²¹ Ver nota 3.

²² Além da venda de milhares de exemplares de algumas obras de história como *Le Dimanche de Bouvines: 27 juillet 1214*, de Georges Duby. Paris: Gallimard, 1986, e, *Montaillo, village occitan de 1294 a 1324*, de Emmanuel Le Roy Ladurie. Paris : Gallimard, 1975, pensamos nas coleções como História das Mulheres e História da Vida Privada, que foram sucesso editorial destacado, foram traduzidas no Brasil e inspiraram coleções similares nacionais.

4. Cultura de massa

È muito interessante para o historiador verificar como a conceituação de ‘cultura de massa’ tem sido vista pela sociedade, principalmente em uma proposta como a que fizemos, de explorar uma fonte da cultura de massa impressa, destinada a um público leitor não especializado.

A conceituação da existência de uma ‘cultura de massa’ ou ‘cultura popular’ se opõe a de uma ‘cultura erudita’, mais valorizada porque de ‘melhor qualidade’, mais restrita e limitada aos que a ela têm acesso, por poder aquisitivo e domínio cultural.

A ‘cultura erudita’ é resultante da decantação da produção cultural da sociedade ocidental cristã e é o cânone dos valores culturais - a ‘alta cultura’ é o conhecimento e apreciação dos clássicos na literatura, música, balé, teatro, pintura e escultura, em oposição a uma outra cultura, considerada inferior por não ter o mesmo conteúdo e relevância, produzida e vivenciada no cotidiano pelas pessoas comuns, ‘a cultura popular’, que é muitas vezes confundida com ‘folclore’, em uma concepção conservadora e nacionalista estreita.

Tomada em senso estrito, a concepção canônica de cultura faz com que toda a produção cultural do mundo moderno industrial do século XIX e do pós-industrial do século XX, todos os questionamentos, críticas, leituras e releituras da sociedade contemporânea fiquem fora dos parâmetros estabelecidos.

Mas a produção cultural possui a sua própria dinâmica, riqueza e complexidade, e é indicativa da reflexão e crítica do mundo no qual o indivíduo produtor/consumidor está inserido e vive. Para os artistas contemporâneos, o cânone não é um obstáculo. Na realidade diária da sociedade pós-industrial, todas as artes se libertaram do cânone. A multiplicidade das formas de expressão literária e artística é quase impossível de ser totalmente conhecida em nossos dias. O rádio, o cinema e a televisão se inscreveram no campo da produção e da reprodução cultural, da mesma forma que a imprensa. E o mundo da produção digital está seguindo a mesma trajetória, de modo mais acelerado.

Contudo, a resistência às novas formas de arte e conhecimento ainda é grande. No campo dos estudos humanísticos, o domínio do cânone se manteve por mais tempo. E só no último quartel do século XX ele passou a ser questionado por grupos feministas, étnicos, de culturas minoritárias e pelos pesquisadores pós-modernos, que exigem que a noção de cultura seja mais inclusiva e menos restritiva.

A valorização da oposição entre a ‘cultura erudita’ e a ‘cultura popular’ pode ser entendida como uma atitude socialmente conservadora, a partir da Revolução Francesa, em que o conceito de ‘povo’ para os conservadores e contra-revolucionários era o de uma ‘ameaça’ a seu modo de vida. A preservação dos valores da sociedade estamental encontrou na valorização do cânone apoio e a justificativa de uma concepção de sociedade, a partir de meados do século XIX, quando ‘povo’ e ‘massa’ se tornaram quase que sinônimos de ameaça social.

Nos movimentos revolucionários políticos e sociais dos séculos XIX e XX, uma das propostas mais atraente é a da democratização de acesso de todas as pessoas a todos os bens, políticos e econômicos, a partir da alfabetização universal, e, principalmente aos bens culturais.

A idéia de separação rígida entre a chamada ‘alta cultura’ e a ‘cultura popular’ foi questionada por Bahktin²³ ainda na primeira metade do século XX, e, o tema da circularidade das idéias entre grupos sociais, no final do século XX, encontrou apoio em historiadores da história cultural, como Roger Chartier e C. Guinzburg, entre outros, e, principalmente nos autores pós-modernos.

Os resultados

Os resultados obtidos foram surpreendentes, para nós e para os alunos. Para nós, pela localização de inúmeras publicações destinadas a suprir a curiosidade do público sobre temas históricos – em níveis de informação diferenciados, desde as mais elementares até as que apresentam resultados de pesquisas acadêmicas, em linguagem acessível ao não-especialista. Nosso ponto de partida para a proposta do trabalho havia sido o conhecimento das revistas *Nossa História* e *História Viva*. Os alunos conheciam algumas outras e localizaram outras tantas, que não eram tão conhecidas, e que aparecem nos textos que seguem. E também pela capacidade demonstrada pelos alunos de pesquisar informações, mesmo as que exigiram contato direto com as editoras e com os editores; analisar conteúdos sob aspectos variados, demonstrando que o processo de formação fragmentada, proposto pelo Departamento de História, apesar da dificuldade de explicitação, está proporcionando ao corpo discente uma formação adequada ao mundo contemporâneo.

Para os alunos, podemos comentar de um lado que com a aprendizagem da prática de pesquisa - seleção de tema, seleção de fontes, coleta de dados, análise de conteúdo, contextualização e redação de um texto sobre a pesquisa e os resultados obtidos, houve a possibilidade de aprender como usar material diferenciado do tradicional (textos de livros e excertos de documentos), experiência que pode ser transmitida a práticas de ensino de história em outros níveis. Por outro lado, esperamos que os mais renitentes tenham aprendido a aceitar a produção cultural da sociedade em que vivem. Consideramos que se há experiência e vivência da postura crítica em relação à formação socioeconômica e cultural em que estão inseridos, a manutenção de preconceitos sobre a ‘cultura de massa’ e a exigência do cânone cultural são elementos contraditórios que precisam ser enfrentados. E o que a nosso ver foi o mais importante: tiveram eles a experiência da apreensão ‘a quente’ de dois conceitos teóricos que marcam a sociedade atual – a da circularidade das idéias na cultura, e, a da fragmentação das identidades sociais. Lembramos ainda que nas análises de conteúdo foram localizadas algumas das teorias de história, que haviam sido apresentadas e discutidas no transcurso das aulas teóricas e das leituras, demonstrando na prática a longa vigência de idéias na cultura e na sociedade.

Os textos que seguem a esta apresentação são todos os trabalhos de curso da disciplina, resultantes das pesquisas e análises dos alunos. Alguns são trabalhos individuais, outros coletivos. Cada um deles representa a trajetória de pesquisa que foi percorrida, os interesses, curiosidades e idiosincrasias dos autores. Não foi realizada a normalização

²³ BAHKTIN, M.. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. São Paulo: HUCITEC; Brasília:UnB, 1987.

dos textos e nem estão apresentados os comentários da avaliação. A finalidade da publicação é reconhecer os esforços empregados na pesquisa, o empenho e interesse demonstrado, além de colaborar com outras pessoas que tenham alguma curiosidade sobre o material de divulgação de história impresso disponível em bancas de jornal.

Agradeço a Silene Ferreira Claro, doutoranda no Programa de História Social/FFLCH/USP, linha de pesquisa História da Cultura, monitora da classe no PAE/FFLCH/USP primeira fase, o apoio, as sugestões e a relação estabelecida com a classe, que muito contribuíram para o bom desenvolvimento do curso e das atividades. E a todos os alunos que cursaram a disciplina e que no decorrer do semestre selecionaram o material com que pretendiam trabalhar, defenderam suas escolhas, descreveram as dificuldades encontradas, apresentaram as soluções e os resultados obtidos. Eles se encontraram com o que os pesquisadores em história costumam enfrentar: problemas de acesso a fontes e as informações, impossibilidade de usar o material inicialmente previsto, desconforto com os resultados obtidos, questões que não puderam ser respondidas, e tudo o mais que acontece depois do trabalho escrito e entregue.

Espero que a experiência tenha sido tão proveitosa para eles como foi para nós e que a noção de que estamos imersos na história – mesmo explorando um tema restrito e aparentemente limitado, tenha se tornado mais clara e compreensível. E que a função da disciplina Teoria da História no processo de formação tenha adquirido sentido.
São Paulo, segundo semestre de 2005.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de História

Disciplina: Teoria da História I

Professora: Raquel Glezer

Período: Noturno

Diego Amorim Grola

Nº USP: 5165528

Victor Gabriel Sciola

Nº USP: 5165852

24 de junho de 2005

Trabalho de pesquisa sobre a revista Nossa História

Índice	
I. Sobre os objetivos e os métodos do trabalho.	3
II. Informações gerais sobre a Revista.	4
<i>Sobre a Revista.</i>	4
<i>Sobre a coluna mês e ano.</i>	6
III. Análise de uma seção.	7
<i>Tema e objetivo.</i>	7
<i>Sobre os assuntos abordados nas matérias.</i>	8
<i>Sobre o caráter histórico dos assuntos das matérias.</i>	9
<i>Uma tentativa de definição do campo de trabalho da História segundo o material analisado.</i>	12
Anexo	15

I. Sobre os objetivos e os métodos do trabalho

O trabalho desenvolvido se propôs a analisar a Revista Nossa História sob dois pontos de vista, um objetivo e outro interpretativo. No primeiro foram pesquisadas informações a respeito do público alvo, tiragem da revista, recorrência de temas em seus artigos, linguagem trabalhada e o caráter social da revista (sua relação com a sociedade). Para o levantamento de tais dados, foram utilizadas pesquisas biográficas do corpo editorial e entrevistas – pessoalmente com a Professora Laura de Mello e Souza (membro do conselho) e por e-mail com a redação da revista. Outra fonte de pesquisa foi a internet. Utilizada como instrumento de busca, onde foi possível encontrar entrevistas concedidas por membros do conselho editorial e pelo presidente da Biblioteca Nacional ao longo do desenvolvimento do projeto.

O segundo aspecto do trabalho com a Revista consistiu na análise da seção destinada à divulgação de eventos, projetos e publicações. Trata-se da primeira seção da Revista, que tem como título apenas a indicação do mês e do ano daquele volume da *Nossa História* (daqui para frente essa seção será indicada pela nomenclatura “seção *Mês e Ano*”).

Selecionamos cinco números da Revista *Nossa História*, a saber: número 11, de setembro de 2004; 13, de novembro de 2004; 14, dezembro de 2004; 17, março de 2005; 18, abril de 2005. A escolha desses volumes específicos esteve condicionada pela dificuldade de aquisição de outros volumes. No entanto, a utilização desses exemplares acabou se mostrando bastante interessante, pois eles são capazes de, até certo ponto, dar uma idéia geral do que é a Revista (tendo em vista as modificações por que passou o periódico desde a data de sua criação). Nos volumes 11 e 14 a seção mês e ano é anônima. No volume 13 é assinada por Rodrigo Pinto. Já nos volumes 17 e 18 a responsável pela seção é Helena Aragão. Os quatro primeiros volumes analisados tinham como editor Luciano Figueiredo. O volume 18 já apresenta Cristiane Costa como editora.

A análise buscou, através da leitura crítica das matérias, observar quais os assuntos abordados pela seção, e quais são os critérios para a escolha dos mesmos.

II. Informações gerais sobre a Revista

Sobre a Revista:

A revista é editada pela Editora Vera Cruz em parceria com a Biblioteca Nacional. Seu primeiro exemplar foi lançado no dia 17 de Novembro de 2003. A publicação é mensal e dirigida ao grande público. Os temas abordados em geral dizem respeito à formação do Brasil nos últimos quinhentos anos. A Revista reúne artigos e matérias que abordam fatos relevantes da história nacional de forma mais simples e compacta que nos livros, ou seja, ainda que simplificada, é uma revista de divulgação científica. Com noventa e seis páginas coloridas, tiragem de cinquenta mil exemplares mensais e circulação nacional, a revista pode ser adquirida em mais de dez mil bancas de jornal espalhadas pelas principais cidades do país. Cada exemplar da revista custa sete reais e oitenta centavos, o que revela uma particularidade do projeto, seu caráter social, uma vez que ainda que exclua uma parte da população, o preço não restringe o consumo à camada mais privilegiada da sociedade.

O público alvo é o público “leigo”, aqueles que não estudam História, portanto não conhecem termos do jargão historiográfico e tampouco se valem da visão crítica de um historiador ao analisar um fato. Objetivamente esse público se concentra entre as classes A, B e C da sociedade, onde 47% dos seus leitores possuem curso superior completo. Esse público acredita, segundo informações editoriais, adquirir certa erudição ao ler a revista, de modo a poder argumentar com seus dados nas discussões em seu círculo social. A revista foi criada para desempenhar um papel na difusão da História nacional, segundo o presidente da Biblioteca Nacional, Pedro Corrêa do Lago, a revista vem preencher uma importante lacuna no mercado, uma vez que até então não havia uma revista especializada que abordasse a história de uma maneira aprofundada como faz a Nossa História. O desafio do projeto é criar uma publicação que contrarie uma voga do mercado editorial brasileiro, a de que o público em geral não gosta de ler. A revista quer provar o contrário, e demonstrar que o público procura sempre por leituras agradáveis e de fácil compreensão quando se trata de conhecer a História. Luciano Figueiredo, editor da revista até Março de 2005 afirma que muitos trabalhos acabam por afastar o leitor devido à falta de “prática” dos historiadores em escrever ao grande público, por isso a proposta da revista é exatamente aproximar cientificidade e cultura de massa.

Ainda segundo Luciano, toda essa idéia sobre o caráter científico “simplificado” da revista tem a intenção de levar ao conhecimento dos leitores os

fatos mais significativos que vem sendo desenvolvidos nas universidades e instituições de pesquisa do país no campo historiográfico. Essa informação pode ser relativizada, na medida em que é preciso se perceber até que ponto o leitor “leigo” da revista se vale das informações adquiridas como um pseudo-conhecimento científico e também até que ponto esse conhecimento dito científico abordado pela revista se aproxima dos estudos universitários de fato.

A supervisão do conteúdo da revista é feita por um conselho editorial vinculado à Biblioteca Nacional e composto por nomes importantes da historiografia brasileira. Esse conselho é responsável pela avaliação do projeto gráfico, pela discussão da linguagem a ser utilizada, pela avaliação das seções e escolha dos autores a serem publicados em cada edição. Todas as decisões são tomadas nas reuniões de pauta que acontecem uma vez por mês no Rio de Janeiro.

A linguagem da Revista é como foi discutido acima, bastante acessível ao grande público e suas matérias são distribuídas em um formato jornalístico. Os textos apresentam uma leitura crítica sobre as raízes e atualidades do Brasil, da América e de Portugal, além de trazer biografias de personagens marcantes da história latino-americana ligada ao Brasil e demonstrar um pouco sobre o ofício do pesquisador. Em princípio publicava-se uma coluna em cada edição a respeito da história da Espanha, no entanto essa idéia logo foi descartada por aparentemente não ter sido bem aceita pelo público.

O projeto editorial prima pela apresentação gráfica, que procura equilibrar os textos e a iconografia. A edição se vale do uso de boxes explicativos ou de glossários no canto da página, quando necessário, para acrescentar à matéria. Imagens do acervo da Biblioteca Nacional ilustram artigos e matérias, ampliando o acesso à memória gráfica que a instituição preserva, outra fonte importante de ilustrações é o acervo do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), da Fundação Getúlio Vargas.

Segundo informações da edição, a idéia de contar a História do Brasil em formato revista surgiu quando executivos da Vera Cruz, analisando o mercado nacional constataram a inexistência de veículos dedicados ao assunto e voltados para o grande público. Para conseguir colocar o projeto em prática, a editora propôs uma parceria à Biblioteca Nacional, que aderiu prontamente à iniciativa. A Biblioteca Nacional entrou de fato no projeto uma vez que tem a responsabilidade de ser a detentora do maior acervo de livros, documentos e jornais sobre História do Brasil e, portanto, em sua concepção, ter o papel de difundir, preservar e manter viva a história do país.

Nos últimos meses, a revista tem passado por uma reformulação editorial. Essa mudança teve início com a saída do historiador Luciano Figueiredo da edição da revista, substituído por uma jornalista, o que refletiu em mudanças no formato e conteúdo das matérias, tornando-as gradativamente mais comerciais, isto é as abordagens históricas passaram a ser cada vez mais superficiais. Essa mudança, segundo informações do conselho editorial, se deveu ao fato da revista não pagar sua publicação, ou seja, dar prejuízo à editora Vera Cruz. A nova linha adotada vem causando desconforto entre os membros do conselho editorial que se demonstram descontentes com a pressão exercida por parte da editora na escolha daqueles que assinarão matérias, e também por verem o trabalho proposto inicialmente, que era o de estimular o pensamento crítico sobre a história do nosso país através da reflexão, se distanciar ideologicamente do caráter científico, aproximando-se do jornalístico. A mudança da linha editorial da revista representa uma tentativa de expansão no mercado, isso significa englobar uma maior parcela da população como público alvo. Essa mudança representa um grande corte no trabalho inicial proposto e envolverá um grande trabalho de reconstrução ideológico e mercadológico entre aqueles que constroem a revista, o que é no mínimo interessante de ser observado, uma vez que com essas mudanças a tendência é que a revista se aproxime da linha dispersa e sumária de se abordar história que foi tão criticada por ela própria quando se referia às publicações existentes até então no mercado brasileiro.

Sobre a coluna mês e ano:

A construção da coluna mês e ano se deu com o intuito de apresentar na revista uma seção com matérias curtas, intercalando então artigos de leitura rápida com matérias longas. O caráter dessa seção é absolutamente jornalístico e seu objetivo é a divulgação de atividades culturais ligadas a elementos históricos, atualidades, denúncias e até mesmo prestação de homenagens.

A responsável pela coluna é a jornalista Helena Aragão, formada pela UFRJ e que tem nessa revista o seu primeiro contato profissional ligado à história. Desde Novembro de 2004 a coluna é assinada pela jornalista, que por se tratar de uma profissional dessa área, reconhece que seu conhecimento sobre história é um tanto vago e superficial.

A jornalista explicou em entrevista por e-mail que a seção mês e ano é a última a ser fechada na revista, pois assim é possível uma maior aproximação com o “tempo real”, ou seja, é onde é possível explorar fatos que ganharam

grande repercussão pública ao longo do mês, de uma maneira atualizada. Assim, entende-se que são essas características que fazem dessa seção a que possui o maior caráter jornalístico de toda a revista.

III. Análise de uma seção

Tema e objetivo:

Se a escolha da Revista *Nossa História* como objeto de análise foi inicialmente feita sem critérios muito sistemáticos (foi uma questão de comodidade: era o material que já conhecíamos e sobre o qual já tínhamos boas impressões), os critérios que orientaram nossas opções acerca da forma de análise do material foram mais cuidadosos.

A escolha da seção mês e ano deveu-se ao fato de ela poder dar respostas interessantes a uma questão igualmente interessante. Qual o campo de trabalho da História no que se refere aos seus objetos de estudo? Que gêneros de fenômenos são estudados pela História?

Buscaremos respostas para essas perguntas nos textos da seção mês e ano. Mas porque nessa seção e não em qualquer outra da Revista? Primeiramente porque foi essa a seção que mais nos chamou atenção, por conter um material muitas vezes estranho a uma revista de divulgação histórica. Enquanto a maior parte da Revista é constituída de artigos que apresentam estudos históricos (tal como numa revista acadêmica de História, só que de uma maneira mais simplificada), esta seção trata da divulgação de eventos, publicações e projetos culturais. Mas, afinal, que relação com História têm esses eventos, publicações e projetos? Afinal, tratando-se de uma revista de divulgação de História, pressupõe-se que tudo nela tenha ligação com esse eixo principal. Partimos então da hipótese de que descobrindo a relação desses temas com a História poderíamos ter elementos novos (em relação aos que nos são possibilitados pela historiografia acadêmica) para compreender a delimitação do campo de trabalho dessa disciplina.

Em segundo lugar, poderíamos, através dessa seção, compreender como a História e seu campo de trabalho são vistos por alguém que não está totalmente inserido no círculo profissional da História. Como já foi dito, até onde conseguimos investigar, essa seção não é produzida por historiadores. Observar quais objetos de estudo são atribuídos aos domínios da História, segundo indivíduos que não

são historiadores profissionais, pode ser de grande valia para que se localize as fronteiras do conhecimento histórico.

Sobre os assuntos abordados nas matérias

Partindo do pressuposto de que as matérias da seção *Mês e Ano* devem de alguma forma se relacionar a temas históricos, podemos descobrir o que a seção entende por temas pertinentes à História. Basta identificarmos os assuntos abordados por essas matérias. Para isso realizamos um trabalho de indexação das matérias. A partir da leitura foi identificado o tema principal de que trata cada texto.

Observou-se que grande parte das matérias aborda temas relacionados à preservação de matérias culturais relativas ao passado. Trata-se do que comumente se chama de preservação de patrimônio histórico. Isso inclui desde projetos que possibilitem a recuperação, manutenção e valorização de determinados monumentos arquitetônicos, até a organização de acervos documentais com o fim de preservá-los. Vejamos como isso aparece nas matérias. Na edição número 11 da revista aparece uma matéria divulgando o processo de digitalização pelo qual vem passando o acervo da Fundação Joaquim Nabuco [2]¹. No número 14 há uma matéria informando acerca do tratamento que está recebendo o acervo pessoal do urbanista Lúcio Costa [13]. No volume 17 somos informados a respeito do CEDEM (Centro de Documentação e Memória da UNESP) e do processo de organização do material que lá existe a respeito dos movimentos político-sociais de esquerda no Brasil [22]. A questão da preservação também aparece nas matérias na forma de divulgação de iniciativas do poder público que interessem à preservação de patrimônio histórico. Na edição 18 há uma pequena matéria que diz respeito uma nova lei que prevê que as editoras brasileiras doem exemplares de suas publicações para a Biblioteca Nacional [27]. Nesse mesmo volume somos informados acerca de uma lei pernambucana que visa estimular a preservação da cultura popular imaterial [29].

Quanto à preservação do patrimônio arquitetônico, temos um exemplo no número 13, com uma matéria que aborda o processo de restauração da Santa Casa de Misericórdia de Salvador [9]. No número 14 há uma reportagem tratando da degradação de um monumento arquitetônico (o engenho Monjope) e da necessidade de que seja feita a restauração dessa construção [12]. No número 18

¹ Os números entre colchetes correspondem às matérias das revistas analisadas. A relação entre números e matérias encontra-se no documento anexo no final do trabalho.

obtemos informações acerca de um projeto que envolve a preservação de uma fazenda construída pelos jesuítas.

Essa questão da preservação também aparece tendo em vista a cultura popular. Seja através da divulgação de publicações que vem sendo editadas com vistas a registrar (e assim preservar) esse tipo de cultura, seja como referências a iniciativas que visem estimular a continuidade da execução dessas tradições (de modo a preservá-las). Temos como exemplo as matérias “As muitas faces do Cazumbá” [15] e “Viagem pela música nordestina” [17], ambas publicadas no número 14. A primeira trata da publicação de um livro que aborda os processos de elaboração de um adereço típico do “bumba-meu-boi” – um tipo de máscara conhecido como Careta do Cazumbá. Já a segunda se refere ao registro em CD da música popular nordestina. Ainda no mesmo número da Revista temos uma matéria sobre um projeto que tem por objetivo a preservação do Fandango (manifestação popular típica dos litorais de São Paulo e Paraná) [14].

Outro tema bastante explorado pela seção se refere à publicação de produtos culturais. Isso engloba por um lado o lançamento de livros, filmes, discos, programas de tv e afins, por outro, a divulgação de iniciativas artísticas (um artista que vem produzindo trabalhos relacionados a um tema que tem relação com história). No número 13 da revista existem duas matérias divulgando o lançamento de filmes: a primeira se refere ao documentário *Memórias de Chumbo* [7], e a segunda ao filme *Peões* de Eduardo Coutinho [11]. Há ainda a divulgação de um livro que reúne textos de uma jornalista a respeito dos músicos brasileiros dos anos setenta [10]. Na edição 17 temos a matéria “Brasil animado” [19], que traz informações sobre a produção de um desenho animado que tem como tema assuntos relacionados à história do Brasil. O número 18 faz referência a um músico que criou um concerto tendo como inspiração a Carta de Pero Vaz de Caminha [26].

Sobre o caráter histórico dos assuntos das matérias

Percebemos assim a recorrência de certos temas nas matérias da seção *Mês e Ano*. A divulgação de projetos, eventos e produtos relacionados com a preservação de certos aspectos culturais do passado (cultura material e imaterial) aparece várias vezes. A divulgação de determinados produtos culturais ou artísticos também. Estamos então supondo que esses produtos culturais divulgados e esses aspectos culturais que estão sendo preservados possuem (segundo os critérios que devem reger a mentalidade dos autores da seção *Mês e*

Ano) alguma relação com a História, ou seja, eles pertencem, de alguma forma, ao campo de trabalho da História, possuem íntima relação com o objeto da História. Mas a pergunta inicial, relativa a qual seja o campo de trabalho da história, ainda persiste. Não basta indicarmos os temas que são objetos da História. Precisamos saber porque eles são considerados objetos da História. Que características intrínsecas a esses temas fazem com que eles sejam históricos?

Tendo em vista essa questão nos propusemos a analisar as matérias da seção em busca de elementos que possam nos sugerir uma resposta. Num trabalho de sondagem inicial foi possível notar que muitas das matérias apresentavam em seu próprio texto argumentos com vistas a justificar sua inserção dentro do eixo temático da seção (eixo temático que, como já foi indicado, é constituído por elementos culturais da atualidade – projetos, publicações, eventos – relacionados com história). Então partimos em busca desses elementos que pudessem nos indicar que características tinham aqueles assuntos que os fazia estarem relacionados ao campo de trabalho da História.

Observou-se que em muitas das matérias existem passagens destinadas a demonstrar qual a relevância do tema tratado. Poderia-se dizer que se trata de uma espécie de nota explicativa, visando deixar claro porque aquele tema foi escolhido para ser ali trabalhado. Essas justificativas dos temas são de quatro gêneros: Importância em termos historiográficos; importância do objeto em si; preocupação social; e importância ligada à preservação da memória. O primeiro desses gêneros justificativos (importância em termos historiográficos) se refere à relevância do tema histórico ao qual se refere o objeto tratado na matéria. Notamos algo desse tipo na matéria “Os peões do ABC aos olhos de Eduardo Coutinho” [11]. A matéria faz questão de destacar que o fenômeno histórico ao qual se refere o filme (as mobilizações operárias de 1979 e 1980) é dos mais importantes. Algo idêntico ocorre na reportagem “Esquerda e memória” [22]. Afirma-se que o assunto da matéria (organização de um acervo documental) se refere a um tema importante: “Elas (as esquerdas) são protagonistas de capítulos importantes da nossa história”. Ou seja, há um bom motivo para se dar destaque ao processo de organização pelo qual vem passando este acervo: trata-se de uma documentação que se refere a um tema importante. Da mesma forma na matéria “As imagens da alma do Bixiga” [30]. A preservação e divulgação de determinados documentos (tema da matéria) são importantes porque o tema ao qual se refere essa documentação é importante. Trata-se de uma documentação digna de ser preservada porque Adoniran Barbosa foi o “... compositor que melhor soube traduzir o espírito paulista”. Em outra matéria se apresenta como relevante a

recuperação da história do Teatro de Arena de São Paulo porque tal Teatro foi o responsável por “...nacionalizar o palco brasileiro...” [1].

O segundo gênero de justificativa de importância apresentado pelas matérias diz respeito à importância que o objeto abordado pela reportagem possui em si mesmo, independentemente da relevância do tema histórico a que se refira. Na matéria a respeito do livro *Nada será como antes* observamos que o objeto da matéria (o livro) é simplesmente reputado como importante: “bibliografia básica...”; “é um livro de referência” [10].

Isso acontece na matéria sobre a restauração da Santa casa de Salvador. “O valor artístico (do acervo da Santa Casa), destaca a museóloga do projeto, é inestimável” [9]. A importância dos assuntos que se possa estudar a partir daquela documentação (acervo da Santa Casa) não foi colocada em causa. Ou se está considerando de antemão que tais assuntos são importantes (então, numa escala de documentos interessantes sobre tais assuntos importantes a documentação da Santa Casa se encontra no alto do podium), ou simplesmente não se está trabalhando com a idéia de que existem temas mais relevantes que outros (então todos os temas são importantes, e a única variável existente é a documentação: existem os documentos que nos conferem informações mais esclarecedoras e outros nem tanto).

Algo da mesma espécie ocorre na matéria de divulgação da nova edição do livro do Padre Serafim Leite [24]. O objeto da matéria é algo relevante: “Tudo na obra *A História da Companhia de Jesus no Brasil* é monumental”. Independentemente do tema histórico ao qual se refere o livro ser ou não importante (a matéria se ausenta de fazer esse julgamento; ou então pensa que a importância deste tema é óbvia, dispensando esclarecimentos) as informações que aquele objeto traz sobre o tema são relevantes: “O que se sabe sobre os jesuítas no nosso processo civilizatório se deve ao padre Serafim”.

O terceiro tipo de elemento que é apresentado como capaz de conferir importância ao tema da matéria diz respeito à relevância social desse tema. Várias matérias da seção apresentam como um aspecto extremamente positivo (capaz de conferir importância) a preocupação social dos projetos e eventos que estão sendo abordados. Essa preocupação social pode ser dividida em duas categorias. A primeira diz respeito à ampliação do público alvo que terá acesso ao conhecimento histórico possibilitado pelo objeto abordado pela matéria. Isso fica bem claro em duas matérias: naquela que diz respeito à publicação do Catálogo *Raisonné* de Portinari [4], e na que se refere à reedição do livro do padre Serafim Leite [24]. Tanto em uma quanto em outra se dá destaque ao fato de grande parte dos exemplares das obras terem como destino, através de doação gratuita,

diversas instituições públicas do país. Dessa forma o acesso ao conhecimento possibilitado por aqueles livros será bastante ampliado, já que seus preços tornariam seu público bastante limitado. Algumas matérias que tratam da organização e preservação de acervos também trabalham com essa questão da ampliação do público. Em “As imagens da alma do Bixiga” [30] é ressaltada a capacidade daquele empreendimento de tornar o acervo mais acessível. O mesmo acontece em “Esquerda e memória” [22], onde se destaca que “qualquer um pode consultar o acervo”.

A segunda categoria de preocupação social diz respeito à capacidade daquele objeto de se inserir no mercado de circulação monetária. São projetos de preservação histórica que prevêm a geração de renda, geralmente através do turismo histórico. É o caso do projeto vinculado à restauração da Santa Casa, o qual prevê a instalação de um complexo turístico em torno do prédio histórico, incluindo um restaurante e um hotel-escola. Já a matéria “Em cada casa uma história” [23] que trata de um projeto de valorização do patrimônio histórico de Ouro Preto coloca a preocupação de melhorar as condições da cidade para atrair turistas interessados em seu patrimônio histórico. Há ainda os casos não diretamente relacionados com turismo. Por exemplo, a matéria a respeito do engenho Monjope [12], a qual aponta para a possibilidade de que após o término dos trabalhos de restauração o engenho se torne um centro de distribuição de cachaça artesanal.

Quanto ao último gênero de aspecto justificativo temos os elementos que chamam atenção para a importância da preservação da memória coletiva. Esse tipo de preservação é apontado como um aspecto positivo dos objetos divulgados. Na matéria “Na trilha do Fandango” [14] é ressaltada a capacidade do projeto abordado de conscientizar e educar as instituições locais no sentido da preservação do patrimônio cultural. A matéria que trata do livro do Padre Serafim Leite [24] também dá destaque para o fato de essa obra poder colaborar para sensibilizar a sociedade no que se refere a importância da preservação do patrimônio histórico.

Uma tentativa de definição do campo de trabalho da História segundo o material analisado

Partimos da hipótese de que a escolha dos objetos que serão assuntos das matérias é feita tendo em vista determinados critérios. Critérios esses que se baseiam na relação desses assuntos (eventos, publicações, etc.) com História.

Mas o que entendem os autores da sessão por História? Ou seja, que temas são próprios da História? E que temas não o são (devendo por isso ser deixados para que outros campos do conhecimento trabalhem com eles)? Até agora vimos quais são os temas abordados pela seção, e investigamos as características desses temas que os fazem ter alguma relação com o campo de trabalho da História (observamos os elementos contidos nesses temas que os tornam aptos a serem objeto da seção *Mês e Ano*). O que nos resta investigar é de onde vem os critérios utilizados pelos autores da seção para definir que características são essas que conferem historicidade a um tema. Ou seja, se existem determinadas características (importância do assunto histórico ao qual se refere o tema; importância do tema em si; preocupação social contida no tema; importância do tema para a preservação da memória) dos temas, que lhes tornam dignos de ser objetos do campo de trabalho da História, é preciso entender porque essas características possuem essa capacidade. Em suma: quais são os critérios do autor para definir o que é histórico?

Para dar conta desse problema será útil trabalharmos com o primeiro daqueles aspectos que afirmamos que atuam de modo a conferir importância aos assuntos que são objetos de trabalho da seção *Mês e Ano*. Trata-se da importância dos temas históricos a que se referem os assuntos abordados pela seção. Trabalharemos com duas hipóteses. Primeira: os autores da seção possuem critérios sistemáticos e bem esclarecidos no que se refere a quais sejam os temas históricos importantes (ou seja: possuem uma visão bem delimitada acerca de qual seja o objeto de trabalho da História). Segunda: não existe essa sistematicidade criteriosa e bem definida por parte dos autores da seção. Eles simplesmente atuam como caixas de ressonância, refletindo (e simplificando) idéias fragmentadas e de origens diversas acerca do que sejam temas importantes para a História.

Para verificar se a primeira hipótese corresponde ao que de fato encontramos na Revista é preciso observar quais são os temas reputados como importantes pelas matérias, tentando apurar se há ou não algum critério sistemático por detrás disso. Tais temas são os seguintes: movimentos artísticos considerados relevantes por terem rompido com os padrões de sua época [1; 9; 13; 30]; assuntos relacionados a determinadas pessoas que são consideradas importantes por terem se destacado em determinadas áreas de atuação [9; 12; 13; 30]; o papel das esquerdas [11; 22]; lacunas do conhecimento histórico [16]; cultura popular [15]; concepção historiográfica “sem maniqueísmos” [19].

Observando o quadro apresentado acima, vemos que existem algumas posições aparentemente contraditórias. Por um lado é reputada importância a uma

história da cultura popular e a uma história das esquerdas, algo que poderia se filiar a uma perspectiva historiográfica que se volta para as camadas que durante muito tempo foram esquecidas pela historiografia (uma história dos vencidos). Por outro lado existem algumas matérias que atribuem como temas históricos importantes aqueles que se referem as grandes personalidades – por exemplo a matéria a respeito do engenho Monjope, que faz questão de destacar que D. Pedro II se hospedou em um dos cômodos da construção; o objeto da matéria (o engenho) cresce em importância somente porque abrigou uma personalidade [12]. Algo desse tipo pertence a um tipo de visão historiográfica bem diferente – se não oposta – a anterior. Faz referência a uma história das grandes personalidades. De algum modo, vão ao mesmo sentido as matérias que fazem referência à importância das grandes rupturas artísticas. Dá-se destaque aos vencedores (a arte que é valorizada pelo público ou pelos críticos), e não aos inúmeros artistas que não são considerados os mais importantes.

Essa pequena amostragem feita acima nos leva a supor dois tipos de respostas para a primeira hipótese. Primeiro, tendo em vista as contradições demonstradas acima, não existiria uma concepção bem delimitada acerca do que seja objeto da história. Segundo, os autores da seção possuem sim uma concepção bem delimitada, mas esta engloba visões historiográficas opostas.

Caso considere-se válida a primeira resposta, se abrirá o caminho para pensarmos na segunda hipótese que foi anteriormente levantada (a da concepção não sistemática provida de fragmentos de visões historiográficas captados em diversos lugares). Trata-se de uma hipótese que serve perfeitamente para explicar as contradições no que se refere aos temas históricos que se atribui importância nas matérias. E ela se reafirma quando ouvimos Helena Aragão (responsável pela seção em algumas das edições por nós analisadas) que ela própria não tinha grandes experiências com História, tendo suas concepções acerca do tema bastante limitadas por conta disso.

Anexo

Fichas das matérias analisadas

Nº	Título	Assunto	Categoria	Aspectos interessantes
Volume 11. Setembro de 2004				
1	Na arena, a história do teatro brasileiro: o palco que mudou a dramaturgia do país.	Projeto "Arena conta arena" que está sendo desenvolvido como comemoração dos cinquenta anos do Teatro de Arena de São Paulo.	Projeto de recuperação histórica que envolve edição de material (CD-ROM com documentos e depoimentos).	<p>a) A importância do Teatro de Arena: "... nacionalizar o palco brasileiro...."</p> <p>b) "Mas nem só nomes conhecidos da dramaturgia estão sendo ouvidos...". Foi entrevistado o comerciante que deu o empréstimo para o início do empreendimento.</p> <p>c) É mencionado o endereço do teatro.</p>
2	O abolicionismo de Nabuco na era digital.	Digitalização do acervo da Fundação Joaquim Nabuco.	Preservação de documentação histórica (digitalização de acervo).	Não Encontrado
3	Restauração em movimento: Minas Gerais inova com "emergência patrimonial".	Projeto "Restauradores em Movimento" que visa prestar serviços de preservação de patrimônio histórico em regiões de Minas Gerais nas quais não há atendimento por parte dos órgãos convencionais de preservação.	Preservação de patrimônio histórico (cultura material)	a) "... os restauradores identificam o patrimônio a ser atendido...". [Como definem o que é patrimônio, o que é digno de ser preservado?].
4	Catálogo com todas as obras de Portinari será lançado na Bienal de São Paulo.	Lançamento de um catálogo com todas as obras de Portinari. Resultado do trabalho de Projeto Portinari.	Publicação de catálogo de material de importância histórica.	<p>a) [Preocupação social]. "... será distribuído para quinhentas instituições públicas de todo o Brasil".</p> <p>b) Na mostra multimídia serão reproduzidas entrevistas gravadas com intelectuais ligados a Portinari. [Por que intelectuais?].</p>

				<p>c) Importância do Projeto: “... um dos mais importantes arquivos multimídia existentes sobre a história e a cultura brasileiras do século XX...”. [Como se define o que é e que não é importante na história e cultura brasileiras?].</p> <p>d) Preocupação de extensão: “Vamos publicar nosso método, para que a experiência seja multiplicadora”.</p> <p>a) “Ender retratou igrejas, prédios públicos e praças do Rio de Janeiro...”. {produção de documentos históricos?}.</p>
5	Ender revisito, Brasil revisitado.	Execução de um projeto que consistiu em refazer a expedição trilhada pelo pintor Thomas Ender no Brasil.	Projeto artístico que envolve a retomada do trabalho de um pintor do passado (e que pintou paisagens do passado)	
Volume 13. Novembro de 2004				
6	Relatos da pátria armada: Série de quatorze volumes da Bibliex traça amplo panorama do movimento militar de 1964.	Lançamento de livro (coleção com quatorze volumes) contendo depoimentos de pessoas envolvidas com o movimento militar de 1964”	Publicação de livro que contém material de relevância histórica. Livro ligado à temática histórica.	<p>a) O livro chama “A Revolução de 64”; enquanto o autor da matéria diz: “o golpe”.</p> <p>b) [Por trás de uma aparente intenção de imparcialidade – “O tema é polêmico” é a frase inicial do artigo; e o autor mostra duas versões sobre o tema – o autor deixa ver a sua posição sobre o tema: um “golpe”, enquanto a posição de Delfim Netto seria extrema”].</p> <p>c) O Exército foi questionado sobre a pertinência de ele próprio fazer esse estudo</p>
7	Memórias de Chumbo: Documentário busca o elo perdido entre vítimas e algozes da operação conjunta de ditaduras sul-americanas.	Filme documentário a respeito da Operação Condor.	Lançamento de filme documentário com temática histórica.	<p>a) [O documentário conta com os dois lados da história]: depoimentos de vítimas e algozes diretamente envolvidos”.</p> <p>b) Currículo do Diretor: fez programas para a BBC financiados pela Fundação Ford.</p>
8	Os pequenos altares de Minas	Criação de um curso que ensina técnicas de	Projeto envolvendo restauração de	a)[Importância social do projeto]: {envolver a comunidade local no projeto}: formar

		restauração de oratórios para a comunidade da cidade de Carajá (MG).	patrimônio histórico	estudantes vindos das escolas públicas; “Eles poderão fazer oratórios para vender”. b) [A História virando capital]: “Eles poderão fazer oratórios para vender”.
9	Santa Casa de portas abertas: com parte da obra de restauração concluída, a mais antiga ordem religiosa do Brasil exibe suas belezas.	Restauração da Santa Casa de Misericórdia de Salvador (parte do Projeto Portal da Misericórdia).	Projeto de Restauração de patrimônio artístico-arquitetônico/ Transformação desse patrimônio em pólo turístico.	a) [Transformação do patrimônio histórico em algo que gere capital]: turismo histórico: trata-se de um projeto que tornará o complexo “auto-sustentável após as obras”; serão abertos um restaurante, uma grande operadora de turismo e um hotel-escola. b) [Justificação da relevância do Projeto]: “O valor artístico (do acervo da Santa casa), destaca a museóloga do projeto, é inestimável”. c) [Um exemplo da relevância do acervo]: {Importância dos painéis que compõem o acervo}: uma arte revolucionária para sua época. d) [Currículo dos restauradores]: restaurou obras de Miró e Picasso. e) Coisas interessantes [históricas] descobertas através do projeto: Recuperação do retrato (pintado em Paris) do engenheiro Antonio Lacerda, autor do projeto do famoso elevador de Salvador, O retrato foi encomendado por Rui Barbosa (Presidente da Ordem em 1875). [Grifos meus]
10	Uma viagem de palavras e sons a década de 70: Livro-referência sobre o período, Nada será como antes, da jornalista Ana Maria Bahiana, volta às livrarias.	Reedição de um livro que reúne textos sobre os músicos brasileiros dos anos setenta.	Lançamento de livro com temática que diz respeito a fenômenos do passado (histórica).	a) [Importância da obra]: “Bibliografia básica...”; “...até hoje muito requisitada pelos estudiosos da MPB.”; “É um livro de referência”. b) [Como a autora trabalha com a questão do passado. Preocupação da texto em registra que a autora não é saudosista]
11	Os peões do ABC aos olhos de Eduardo Coutinho	Lançamento do filme peões.	Lançamento de filme que trata de um tema histórico.	a) A importância do fenômeno histórico ao qual o filme se refere: as mobilizações operárias de 1979/80.

				<p>b) Importância conferida pela matéria ao caso relatado por Dona Zélia – porque ele considera este um dos mais emocionantes casos relatados por Coutinho; porque ele faz questão de reproduzir este caso e não qualquer outro? Por que ele cita esta frase no fim da matéria: “Era a história que nós tínhamos”?, se referindo ao documentário sobre o movimento operário que Dona Zélia salvou da polícia. Estaria o autor querendo chamar a atenção para a preservação da memória?].</p>
Volume 14. Dezembro de 2004				
12	Triste Aniversário: exposto à ação do tempo, o histórico engenheiro do Monjope aguarda a um ano a aprovação do projeto de restauração.	AQ luta pela restauração de uma construção histórica	Conservação e restauração de patrimônio histórico arquitetônico.	<p>a) Importância do engenho: “... é um dos poucos engenhos do Brasil que mantêm as quatro características fundamentais: casa-grande; senzala; moenda-moita e capela”.</p> <p>b) “Acomodou reuniões políticas decisivas: consta que até o imperador D. Pedro Segundo se hospedou em um de seus cômodos....”</p> <p>c) O engenho poderá, após a restauração, virar um centro de distribuição de cachaça artesanal</p>
13	Memória de um Gênio do Urbanismo	Tratamento que o acervo do urbanista Lúcio Costa está recebendo: organização e catalogação, além de ser armazenado no Centro de Preservação e memória Antonio Carlos Jobim	Preservação de acervo documental histórico	<p>a) Divulgação do material histórico para o grande público: “...o acervo estará disponível a qualquer um que passear no parque, não se limitará aos estudantes e pesquisadores”.</p> <p>b) [o que é digno de ser considerado documento histórico: documentos de uma pessoa ou de um fenômeno que se considera <i>importante</i>]: importância do acervo = importância de Lúcio Costa = “... levaram a arte brasileira a influenciar movimentos renovadores internacionais”. [O que ou quem é importante?].</p>

14	Na trilha do Fandango	Criação de um projeto para preservação e divulgação do Fandango (comemoração popular com danças típicas do litoral de São Paulo e Paraná).	Preservação de antigas tradições populares	a) Necessidade de “manter viva a chama das tradições”. b) [Inserção social do projeto]: ele irá conscientizar e educar as instituições locais
15	As muitas faces do Cazumbá	Pesquisa que está sendo feita para compor um livro que tratará dos processos de elaboração de uma máscara típica do bumba-meu-boi (careta do Cazumbá).	Pesquisa e lançamento de livro sobre manifestação popular típica.	a) {Importância dessa manifestação cultural}: O bumba-meu-boi é uma manifestação típica b) {Tentativa de mostrar a grandeza dessa manifestação}: a riqueza {e complexibilidade} do bumba-meu-boi.
16	Arqueologia pública	Projeto (Programa Fronteira Ocidental) de escavações arqueológicas na cidade de Vila Bela da Santíssima trindade, no Mato Grosso.	Projeto de escavação arqueológica	a) [Justificativa da importância do Projeto]: a história de regiões como essa são em geral pouco conhecidas. b) [Caráter comercial que envolve o trabalho]: ele é feito por uma empresa; “A área pode (...) gerar dinheiro e trabalho” c) [Inserção social do Projeto]: “A área pode virar ponto turístico, além de gerar dinheiro e trabalho”; o projeto tem como um de seus objetivos sensibilizar e motivar a população a procurar vestígios do passado.
17	Viagem pela música nordestina.	Projeto que registrou a música nordestina contemporânea, produzindo um material (CD) com o resultado.	Registro e preservação de tradições populares	a) [O conhecimento histórico como forma de prever o futuro]: “Passado, presente e, por que não dizer, futuro estão reunidos no disco...”. [Será que ele quer dizer que conhecendo as modificações sofridas entre 1938 e 2003 podemos presumir qual será o futuro dessas manifestações culturais?]. b) [Função social do projeto, e do conhecimento]: “Essas pessoas têm direito de ouvir as fitas que em geral ficam só

				disponíveis a acadêmicos”
Volume 17. Março de 2005				
18	Tesouro na USP: José Mindlin doa para a Universidade seu notável acervo de livros e de documentos sobre o Brasil	Doação da brasileira de Mindlin para a USP	Preservação e divulgação de patrimônio histórico (documental-bibliográfico)	a) Importância do projeto: estimular a produção de conhecimento.
19	Brasil animado	Está sendo produzido um desenho animado que terá como tema a História do Brasil.	Lançamento de produto cultural ligado à temática histórica.	a) [Crítica à produção cultural voltada para o público infantil que é veiculada pela grande mídia]: Desprezo pelos desenhos animados do estilo “Bob esponja”. b) [Crítica a uma historiografia existente. Mas será que é possível uma historiografia não maniqueísta (imparcial)?]: Nesse desenho a História do Brasil será contada “sem maniqueísmos”.
20	Enxurrada de lembranças: Rede Memória da Maré recupera, por meio de documentos e fotos, a história do bairro que agrega dezesseis comunidades.	Narra a experiência de um projeto que tem por finalidade recuperar a história de algumas comunidades do Rio de Janeiro.	Recuperação de memória (história)	a) Imagem do pesquisador idealista. b) Imagem do trabalho do historiador como algo difícil por ser desprezado pela sociedade.
21	Hobby religioso, patrimônio nacional	Atividades culturais realizadas a partir de um seminário: existência de um museu e de um trabalho de recuperação da história local.	Projeto de recuperação de memória (história).	a) [Inserção social daquela instituição]: o papel social daquele espaço junto à comunidade: crianças o visitam; famílias o aproveitam para área de lazer.
22	Esquerda e memória	O processo de organização pelo qual está passando o material sobre a esquerda brasileira existente no CEDEM.	Preservação de documentação histórica (organização de acervo).	a) [Ampliação dos espaços de conhecimento histórico para além do restrito círculo das universidades]: “qualquer um pode consultar o acervo”. b) Elas (as esquerdas) são protagonistas de capítulos importantes da nossa história”.
23	Em cada casa uma história: O	Informa sobre o	Projeto de	a) {A população está sendo chamada a se

<p>Projeto Museu Aberto-Cidade Viva vai mostrar Ouro Preto a partir das residências e seus moradores.</p>	<p>desenvolvimento de um projeto que busca sinalizar as residências históricas de ouro Preto, com objetivo de otimizar o potencial turístico dessa cidade histórica.</p>	<p>valorização do patrimônio histórico.</p>	<p>envolver na pesquisa): “uma comoção preservacionista” b) Crítica às reformas sem controle das construções [históricas]: “perda de memória” c) {Utilizar o [patrimônio histórico] como atrativo turístico}: preocupação em melhorar as condições da cidade para atrair turistas interessados em seu patrimônio histórico. d) [Trabalha com a idéia de patrimônio histórico: mas o que é digno de ser histórico?].</p>
<p>Volume 18. Abril de 2005</p>			
<p>24 A Bíblia dos jesuítas: <i>A História da Companhia de Jesus no Brasil</i>, mais completa obra sobre o tema, ganha segunda edição ampliada depois de 54 anos.</p>	<p>Reedição do livro do padre Serafim Leite</p>	<p>Publicação de livro de História</p>	<p>a) [Elogio exagerado ao livro]: “Tudo na obra <i>A História da Companhia de Jesus no Brasil</i> é monumental”; “O que sabe sobre os jesuítas no nosso processo civilizatório se deve ao padre Serafim” b) {O caráter social do empreendimento (reedição da obra): Metade dos exemplares serão doados} [em segundo plano é que se diz que as restantes serão vendidas a R\$ 1400!]. c) [A capacidade desse empreendimento de intervir na realidade], colaborando com algumas causas: a canonização de Anchieta; a conscientização a respeito da preservação do patrimônio histórico.</p>
<p>25 A voz do interior: pesquisadores criam banco de dados para mapear e analisar a fala da região de São José do Rio Preto.</p>	<p>Projeto em vias de desenvolvimento que visa estudar os modos de se expressar da população de uma determinada região</p>	<p>Projeto de pesquisa acadêmico.</p>	<p>a) Esse trabalho seria capaz de destruir estigmas e preconceitos existentes em relação a algumas variáveis lingüísticas (o caipirês, por exemplo). b) (Boxe) Comparação de realidades históricas diferentes: Brasil e Itália: seria curiosa a não existência de dialetos no Brasil – um país tão grande – enquanto na Itália – que é um país bem menor – existem vários. Isso é curioso “por mais que haja</p>

					justificativas históricas”.
26	A melodia da carta: Documento de Pero Vaz de Caminha vira concerto pelas mãos do pianista Leonardo Braga.	Músico cria um concerto inspirado na carta de Caminha.	Iniciativa artística que se baseia em documento ou fato histórico.	a) [Ausência de preocupação social deste projeto]: o autor não quer popularizar ou tornar didático o conteúdo da carta.	
27	Para engordar o acervo: Nova lei de depósito legal estimula produtores de livros, discos e imagens a doar obras para a Biblioteca Nacional.	Nova lei que prevê a doação de um exemplar de toda obra publicada no país para a Biblioteca Nacional.	Nova lei que diz respeito à proteção do patrimônio intelectual-cultural nacional.	a) “A proteção da memória nacional depende de atitudes tomadas no presente”.	
28	Reaproveitar espaços: Transformar fazenda construída por jesuítas em núcleo cultural é um dos objetivos da associação cabofriense A TEIA.	Projeto de um grupo que visa transformar uma fazenda de valor histórico, hoje esquecida e degradada, em um núcleo cultural e de pesquisas.	Preservação de patrimônio histórico-arquitetônico/ programa de turismo histórico/ Desenvolvimento de projetos culturais.	a) {A batalha que se tem de travar quando se quer conservar o patrimônio histórico-cultural}. b) {O potencial histórico-turístico desse empreendimento}.	
29	Cultura Vitalícia: Lei do patrimônio vivo de Pernambuco vai dar bolsas a artistas populares para estimular a troca de experiências.	Criação de uma lei que dará bolsas a artistas populares de Pernambuco.	Lei de preservação de patrimônio histórico cultural	a) {A força das manifestações populares tradicionais} b) [Defesa da imobilidade da cultura tradicional]: “As manifestações tradicionais correm o risco de perder suas características originais com o decorrer do tempo”. c) [A caráter contestador como um valor dos pernambucanos]: “Tão tradicional quanto a cultura local é o caráter contestador do pernambucano”. d) {Interesse de que essas manifestações se fortaleçam e não morram}.	
30	As imagens da alma do Bixiga	Doação de objetos pessoais do compositor Adoniran Barbosa para o Estado de São Paulo. Esses	Espaço de preservação e divulgação de história e memória (museu).	a) [Adoniran seria uma pessoa importante, histórica]: “...Compositor que melhor soube traduzir o espírito paulista”. b) “... Iniciativa de abrir espaços de memória”.	

		objetos deverão compor um acervo museológica que será exposto para o público.		c) [Divulgar História]: Tornar o acervo acessível.
--	--	---	--	--

ECLÉTICA - 2005

Publicação eventual do Departamento de História/FFLCH/USP.

A HISTÓRIA EM BANCAS DE JORNAL

Créditos:

Universidade de São Paulo

Reitor: Prof. Dr. Adolpho José Melfi

Vice-Reitor: Prof. Dr. Hélio Nogueira da Cruz

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Diretor: Prof. Dr. Sedi Hirano

Vice-Diretor: Profa. Dra. Sandra Margarida Nitrini

Departamento de História

Chefe: Prof. Dr. Modesto Florenzano

Suplente: Profa. Dra. Maria Lígia Prado

Responsável: Profa Dra. Raquel Glezer

Monitora PAE – Estágio de Preparação Pedagógica: Silene Ferreira Claro

Trabalho de curso da disciplina Teoria da História I – 0401 - Noturno - 1º. Sem. 2005.